

Halima Bashir

Lágrimas do Darfur

Tradução de Isabel Alves



Nota da Autora

Esta história é verídica. Tem lugar entre o ano em que nasci, 1979, e o presente. O Sudão está em guerra há décadas: em particular, a minha terra, o Darfur, foi terrivelmente devastada. Alterei alguns dos nomes de pessoas e lugares, a fim de proteger familiares, amigos e comunidades. Estou certa de que não tenho de explicar por que razão estas alterações foram necessárias.

1

O nome

*Vem aqui, meu amor,
Tenho uma canção para ti.
Vem aqui, meu amor,
Tenho um sonho para ti...*

Canto de mansinho esta canção de embalar ao meu filho, ao meu filho pequenino, enquanto o adormeço nos meus braços. No nosso exíguo apartamento, ouço o estrépito do trânsito de Londres vindo do exterior. Mas aqui estamos seguros, ele e eu, este pequeno milagre sonolento que aperto contra o peito com um júbilo desesperado no coração. E, ao cantar, sinto-me transportada para a minha terra, a minha adorada África.

*Vem aqui, meu amor,
Tenho um beijo para ti.
Vem aqui, meu amor,*

Era esta a canção de embalar que a minha boa e terna mãe me cantava à noite, à lareira. Era esta a canção de embalar que a minha impetuosa avó Sumah cantava, nessas quentes noites africanas em que se permitia relaxar um pouco, deixando o seu amor profundo transparecer. E era esta a canção de embalar que o meu maravilhoso pai, bem-humorado e inteligente, murmurava ao meu

ouvido quando me embalava no seu colo e me passava os dedos pelo cabelo.

*Vem aqui, meu amor,
Tenho um sorriso para ti...*

Canto esta canção e estou novamente em África, envolvida pelo afectuoso calor e segurança da minha família. Canto esta canção e estou novamente com a minha tribo, os Zaghawa, um povo negro-africano feroz e beligerante que é o mais generoso e franco quando acolhe estrangeiros. Estou de volta ao tórrido, aromático e seco ar do deserto da minha aldeia, uma criança coberta de pó e felicidade, e tudo na minha vida é assombroso e bom.

Estou na minha casa, com a minha família, com o meu povo, na minha aldeia, no Darfur.

Darfur. Sei que, para vós, esta deve ser uma palavra carregada de sofrimento e sangue. Um nome que evoca imagens terríveis de um horror tenebroso e de uma perfídia sem fim. A dor e a crueldade a uma escala inconcebível para a maior parte do mundo civilizado. Mas para mim, o Darfur significa uma coisa muito diferente: era e continua a ser essa felicidade insubstituível e insondável de ter um lar.

*Vem aqui, meu amor,
Tenho um lar para ti...*

Canto esta canção ao meu filho que ainda não tem um ano e reflecto sobre o milagre do seu nascimento, pois insuflou-me a coragem e a vontade de viver. Sem ti, digo aos seus olhos brilhantes e ensonados, ter-me-ia suicidado perante o horror e a vergonha do que se está a passar. As trevas ter-me-iam submergido, arrastado avidamente na sua voracidade.

Nós, os Zaghawa, somos um povo feroz e beligerante e a morte – violenta e sanguinária e pela nossa própria mão – é mil vezes preferível à desonra e à vergonha. Sempre assim foi na minha tribo.

*Vem aqui, meu amor,
Tenho um abraço para ti...*

«Sabes o que é ser violada?» O rosto é uma máscara de ódio, os olhos encostados aos meus, o seu hálito de soldado nauseabundo. «Achas que por seres médica sabes realmente o que é ser violada?»

Um segundo soldado atira-se a mim, prendendo-me ao chão. «A gente mostra-te o que é ser violada, cadela negra...»

«Achas que podes falar com os estrangeiros sobre violação?», grita um terceiro. «Deixa-me dizer-te uma coisa... não sabes nada. Mas nós, em matéria de violação, somos professores experientes...»

«E quando acabarmos contigo, pode ser que te deixemos viver», lança o primeiro. «*Depois* podes ir contar ao mundo...»

Tento bloquear a memória de tudo isto, mas por vezes não consigo e ela invade-me, sinistra e sufocante, pútrida e perversa. Ainda vejo as suas caras, mesmo agora, como se tivesse sido ontem. Olhos injectados, inflamados de ódio e luxúria. Barba rala a embranquecer. Hálito pestilento, o mau cheiro do suor entranhado e dos uniformes imundos. O brilho de uma lâmina quando um deles tenta cortar-me as calças. Esperneio selvaticamente, tentando atingi-lo na virilha. Ele grita de dor, recompõe-se e espeta-me a faca na coxa. A agonia dessa facada e um peso morto que se precipita sobre as minhas mãos atadas.

*Vem aqui, meu amor,
Tenho uma vida para ti...*

Aperto o meu menino com força contra o coração descompasado e temeroso. Foste tu que me deste vida, a vontade de viver, a coragem para continuar. E por tua causa e por todas as inúmeras mulheres e crianças que não conseguiram sobreviver ao horror, vou sentar-me a esta secretária, no pequeno quarto alugado, enquanto dormes tranquilamente, e vou começar a escrever a minha história.